

Mortes rondam berçário em Fortaleza

Em 16 dias já morreram 49 crianças, prematuras ou que já nasceram doentes. Causas ainda estão sendo investigadas

Fortaleza — A morte está à solta na Maternidade Escola Assis Chateaubriand (Meac), da Universidade Federal do Ceará (UFCE). Nos primeiros 16 dias de novembro morreram ali 49 bebês. A maternidade, que possui 60 leitos para neonatais, costuma atender até 90 recém-nascidos de uma só vez e só tem 14 leitos na Unidade de Tratamento Intensivo (UTI) pediátrica.

Os óbitos estão sendo investigados pela Vigilância Sanitária da Secretaria Estadual de Saúde. Segundo o secretário de Saúde, Anastácio Queiroz, “uma das causas das mortes é a superlotação, porque a Meac recebe 50% mais crianças do que poderia atender”.

A UFCE, em nota à imprensa, confirma a ocorrência dos 49 óbitos em 16 dias e informa que “a prematuridade predispõe às infecções e é a principal causa dos óbitos”. Os diretores dizem, ainda, na nota, que a Meac “recebe todo mês centenas de mulheres cujo parto é considerado de risco para a gestante e para o bebê. Elas vêm dos bairros mais pobres de Fortaleza e do interior. São mães desnutridas, que não tiveram acompanhamento pré-natal e que, frequentemente, geram fetos de baixíssimo peso, sem a mínima condição de sobrevivência”. Em outubro morreram 53 crianças na Maternidade Escola.

Anastácio Queiroz disse que em agosto foram registrados 1.239 partos na Maternidade Escola. Segundo ele, convergem para a Meac pacientes de risco que são recusadas para internamento pelos hospitais conveniados do Sistema Único de Saúde (SUS).

A Meac realiza um dos trabalhos mais respeitados no Ceará nas áreas de pré-natal, maternidade e planejamento familiar. É um dos hospitais “Amigo da Criança”, título dado pelo Fundo da Criança e Adolescência (Unicef), e o seu programa de aleitamento é padrão de referência para todo o País, por meio das campanhas feitas pelo Banco de Leite.

O secretário de Saúde aponta como causas dos óbitos a gravidez na

adolescência, que aumenta o risco, a concentração de pacientes em estado grave, a falta de planejamento familiar e de pré-natal.

NATIMORTOS

Para Anastácio Queiroz, “as medidas que podem ser tomadas não darão resultado a curto prazo e terão de envolver a direção da maternidade, os profissionais e as sociedades de obstetrícia, de clínica e de pediatria numa atuação de modo coeso”.

O diretor da Maternidade Escola, Chagas Oliveira, disse que nascem na instituição 1.600 a 1.700 crianças por mês e em média 45 não atingem uma semana de vida. Segundo ele, a maioria desses bebês são natimortos.

Para reduzir os óbitos, o médico recomenda “melhorar o pré-natal para que diminuam as taxas de gravidez de risco e de bebês prematuros, ampliar a rede de atendimento ao parto, estabelecer o compromisso do pré-natal com a assistência ao parto, criar alternativas de atendimento à parturiente e hierarquizar o atendimento ao parto”.

Segundo Chagas Oliveira, em 1995 a Maternidade Escola foi responsável por 30% dos partos realizados em Fortaleza e por quase todos os procedimentos considerados de risco. De acordo com estudo do médico Álvaro Jorge Madeiro Leite, em Fortaleza morrem 32,8% dos bebês em cada grupo de mil, antes de completar um ano de vida.

Expedita Maria Alves, 31 anos, esperava gêmeos e tinha gravidez de risco. Ela terminou perdendo os dois bebês, um deles ainda dentro da barriga, na 21ª semana, e ou tronoparto, feito segunda-feira na Meac. “Eu nem sabia que um estavam morto dentro de mim”, afirmou.

Ela tem sangue Rh negativo, que requer cuidados especiais na hora do parto e específicos antes de engravidar. Apesar de ter feito o pré-natal no hospital Aguanambi, particular, Expedita foi transferida para a Meac porque o médico dela achou arriscado fazer o parto no Aguanambi.

Dario Gabriel/O Povo



Maternidade Assis Chateaubriand: bebês correndo riscos num berçário superlotado, favorecendo as infecções

UTIs retratam caos do sistema

Calejado nas grandes tragédias na área de saúde — primeiro foi a chacina de Caruaru, que resultou na morte de mais de 60 pacientes renais por intoxicação hepática com a água da hemodiálise, em Pernambuco, depois as mortes de idosos na clínica Santa Genoveva, no Rio, que expôs a chaga dos internos — o país descobriu que os recém-nascidos também morrem às pencas de infecção nos hospitais públicos, em geral devido às péssimas condições de higiene desses locais e à falta de consciência entre os profissionais de saúde de procedimentos elementares, como lavar as mãos antes de pegar os bebês.

Foi o que aconteceu no berçário do Hospital Materno-Infantil Nossa Senhora de Nazaré, em Roraima, no mês outubro. No espaço de apenas 21 dias, 34 recém-nascidos faleceram na única maternidade pública de Boa Vista, pelo menos 15 deles comprovadamente de infecção hospitalar.

Dia a dia, o país assistiu ao drama dos pais e mães dos recém-nascidos. Pela imprensa, a sociedade tomou conhecimento das péssimas condições do hospital denunciadas pela diretora do hospital, Odete Irene Domingues. Odete, que no ano passado enviara à Secretaria de Saúde relatório completo sobre as precárias condições de funcionamento daquela unidade de saúde, acabou sendo demitida do cargo.

Bastou que o hospital fosse fechado e uma equipe médica da Fundação Instituto Oswaldo Cruz, do Rio, comesse a apurar as causas das mortes para que viesse à tona o descaso, o abandono e o retrato da falência da saúde pública no país — hoje na angustiante espera de recursos oriundos de um imposto, o CPMF, para sair da UTI. Recursos que, por sinal, já estão comprometidos com dívidas antigas do sistema.